
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

REPRESENTAÇÃO ANIMAL E DOMINAÇÃO HUMANA: UMA LEITURA DA OBRA *O SOFÁ ESTAMPADO*, DE LYGIA BOJUNGA

Fernanda Favaro Bortoletto¹ (UEM)
e Evely Vânia Libanori² (UEM)

RESUMO: O campo de investigação dos Estudos Críticos Animais tem ganhado grandes contribuições nas últimas décadas ao se atentar às relações existentes entre os animais humanos e não humanos. Aplicando os conceitos dos aportes teóricos que focam nos animais e na natureza na Literatura, como os estudos de Kerridge e Sammells (1998), Culler (2016), Agamben (2004), Singer (2010), Berger (2003), Maciel (2007) e Bravo (2011), este artigo objetiva investigar a maneira como os animais são representados na obra *O sofá estampado* (1980), de Lygia Bojunga, no que tange à dominação promovida pelos seres humanos. Com a análise e a discussão das personagens da obra foram constatadas três faces da representação dos animais em relação ao poder dominante dos seres humanos, sendo que a primeira se refere à figura do animal dominado pelo ser humano. Em seguida, outra representação observada é do animal dominado que supera essa condição, mas reproduz o comportamento do dominador humano. Por fim, a última face trata-se da personagem animal consciente da dominação humana e engajada na luta pelos direitos dos animais e da natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Críticos Animais; zooliteratura; Lygia Bojunga.

ANIMAL REPRESENTATION AND HUMAN DOMINATION: A STUDY ON *O SOFÁ ESTAMPADO*, BY LYGIA BOJUNGA

ABSTRACT: Animal Critical Studies as an investigation field has gained large contributions in recent decades by paying attention to relationships between human and non-human animals. Using theoretical contributions focusing on animals and nature in literature, like studies by Kerridge and Sammells (1998), Culler (2016), Agamben (2004), Singer (2010), Berger (2003), Maciel (2007) and Bravo (2011), this article investigates how animals are represented in Lygia Bojunga's *O sofá estampado* (1980), regarding the domination promoted by human beings. By analyzing and discussing the characters of the book, we found three faces of the representation of animals in relation to the dominant power of human beings, the first of which refers to the figure of the animal dominated by the human being. Secondly, the dominated animal overcomes this condition, but reproduces the behavior of the human dominator. Finally, the animal is aware of human domination and engaged in the fight for the rights of animals and nature.

KEYWORDS: Animal Critical Studies; zooliterature; Lygia Bojunga.

Recebido em 3 de novembro de 2021. Aprovado em 30 de junho de 2022.

¹ ffbortoletto@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-2587-1828>

² lieveorama@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-5964-6584>

Nas últimas décadas, pesquisadores de diversas disciplinas têm se debruçado sobre um campo de investigação que se preocupa em entender as relações entre os animais não humanos e os humanos, os Estudos Críticos Animais. A poeta e professora Maria Esther Maciel estuda as relações animais na Literatura e em outros campos do conhecimento, afirmando, em um de seus ensaios, que os Estudos Críticos Animais “são tentativas de compreensão da ‘outridade’ que os animais representam para a razão humana, buscando destes extrair um saber sobre o mundo e a humanidade” (Maciel 2007: 200). Assim, esse campo objetiva olhar os animais e os humanos na tentativa de ressignificar o mundo e o que é ser humano.

Uma área do conhecimento que volta olhares para os Estudos Críticos Animais é a Literatura. A interpretação da Literatura por meio dos Estudos Animais é recente, fazendo com que obras analisadas de acordo com diversas teorias no passado, passassem a ser revisitadas, ganhando novos olhares. Um exemplo desse fato é a obra *O sofá estampado* (2015), de Lygia Bojunga, objeto de estudo deste trabalho. Essa obra, lançada em 1980, já foi anteriormente analisada por pesquisadores levando em consideração reflexões teóricas da Literatura Infantil, da Literatura Fantástica e até mesmo relacionadas à representação da morte.

À luz dos referenciais teóricos provindos dos Estudos Críticos Animais e da Ecocrítica, este trabalho objetiva investigar a maneira como os animais são representados na obra *O sofá estampado*, focando nas relações de dominação de animais humanos sobre não humanos. Trabalharemos, principalmente, as ações e diálogos das personagens selecionadas, Dalva, Dona Popô e Vó.

UM BREVE RESGATE ACERCA DOS ESCRITOS DOS ESTUDOS CRÍTICOS ANIMAIS E DA ECOCRÍTICA

Com uma carreira brilhante abordando questões sociais contemporâneas de maneira acessível, Lygia Bojunga consolida sua carreira como escritora de literatura infantojuvenil, sendo reconhecida mundialmente. Os animais estão muito presentes por todo o seu conjunto de produções literárias, sendo representados de maneira crítica e reflexiva. Alguns exemplos de obras que trazem animais como personagens são os livros *Os colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976) e *O sofá estampado* (1980).

Sua obra *O sofá estampado* traz como personagens animais que têm desejos, sonhos, sentem medo e lutam pelos seus ideais. A narrativa gira em torno de Vítor, um tatu muito tímido que sonha em ver o mar por conhecer a interessante vida de sua avó, que viaja por todo o mundo. Vítor se apaixona por Dalva, uma gata doméstica que só tem olhos para a televisão, e decide que a maneira de conquistá-la é aparecendo na TV. Ao buscar uma agência de publicidade, ele conhece Dona Popô, uma hipopótama poderosa que um dia viveu no zoológico ao ser sequestrada de sua terra natal. Vítor também está em busca da mala de sua avó, que foi perdida quando ela nunca mais voltou de uma de suas viagens para o Amazonas, onde foi lutar para

salvar os animais e a natureza. Nesse processo, ele encontra a mala repleta de lembranças da avó e, assim, decide seguir os seus passos.

O campo de investigação dos Estudos Críticos Animais, quando aborda animais e ecossistemas na Literatura, liga-se com outra área de estudo atual, a Ecocrítica. Esse campo de investigação se preocupa em estudar as relações entre o meio ambiente e a literatura e, como Richard Kerridge e Neil Sammells definem, “a ecocrítica busca avaliar textos e ideias em termos de sua coerência e utilidade como respostas à crise ambiental” (1998: 5).

Jonathan Culler também discorre sobre a Ecocrítica, afirmando que seus estudos podem abordar textos sobre a natureza, sobre a forma como ela é tratada e usada pelos humanos, além de fomentar a consciência ecológica (2016: 92). Desse modo, devido às crescentes discussões sociopolíticas e ambientais concernentes à exploração da natureza e aos maus-tratos e assassinato de animais, muito ligadas com a relação de dominação dos humanos para com esses seres, é urgente o estudo de tais temas, os quais estão presentes na Literatura, uma vez que muitos autores fazem da relação ser humano/animais/ecossistemas o foco principal dos seus textos.

Como visto, os Estudos Críticos Animais têm como principal objetivo refletir sobre as relações dos seres humanos com animais e ecossistemas em diversas áreas do conhecimento. É evidente que filósofos, biólogos e antropólogos têm estudado há séculos as diferenças dos animais com os seres humanos, tentando estabelecer uma espécie de prova de como estes são superiores. Essa questão de criar uma posição de superioridade é muito bem debatida pelo filósofo italiano Giorgio Agamben a partir daquilo que ele designa de “máquina antropológica”, experiência que divide os polos da animalidade e da humanidade (2004: 37).

Para Agamben, a construção da ideia do que é o humano se daria por meio do processo de exclusão e inclusão ao pensar as oposições homem/animal e humano/inumano. Porém, esse processo acaba criando uma categoria vazia para pensar o humano, já que “a máquina produz na realidade uma condição de estado de exceção, uma zona de indeterminação na qual o fora nada mais é que a exclusão de um dentro e o dentro, por sua vez, nada mais é que a exclusão de um fora” (Agamben 2004: 37).

A ideia de outremização dos animais, ou seja, dividir em extremos opostos o “eu” (humano) do “outro” (não humano), estabelecendo uma relação de poder sobre esse Outro, é também debatida pelo filósofo Peter Singer. O autor populariza o termo “especismo” que, em suas palavras, “é um preconceito ou atitude de favorecimento dos interesses dos membros de uma espécie em detrimento dos interesses dos membros de outras espécies” (Singer 2010: 19). Singer explica que, da mesma forma que um indivíduo racista tende a prevalecer seus interesses como dominantes sobre os de outras raças, e de que um sexista busca seus interesses acima dos de pessoas de outro sexo, o indivíduo que é especista também leva em consideração as características hierárquicas referentes à sua espécie em relação a outras, diminuindo-as e desconsiderando os seus interesses (2010: 25).

É interessante perceber que o humano faz um movimento de busca de supremacia absoluta não só com os outros animais, mas também o faz com a natureza, visto que o ser humano estabelece uma relação de dominação e superioridade com tudo que não seja de sua espécie. Peter Singer ressalta que a maioria dos seres humanos é especista, pois eles “permitem que os seus impostos se destinem a práticas que exigem o sacrifício dos mais importantes interesses dos membros de outras espécies, por forma a promover os interesses mais triviais da nossa própria espécie” (Singer 2010: 21). Ou seja, o humano explora e assassina animais, consome e extingue a natureza, tudo em busca de seus desejos. Os humanos destroem ecossistemas inteiros na interminável busca de manter e aumentar o seu poder.

Um exemplo dessa busca pelo poder foi a constituição de zoológicos. John Berger retoma o passado, quando argumenta que “a captura de animais era a representação simbólica da conquista de todos os países exóticos e remotos. ‘Exploradores’ provavam seu patriotismo mandando para casa um tigre ou elefante” (Berger 2003: 26). Após esse aprisionamento, os animais eram enviados para zoológicos de metrópoles, tornando-se símbolos de relações políticas entre países, como explica o autor. A dominação desses animais não era somente símbolo de poder dos humanos sobre eles, mas também simbolizavam o poder dos homens em relação a outras pátrias.

O professor e pesquisador argentino Álvaro Fernandez Bravo explora a temática da dominação animal observando que “o zoológico opera como fragmento de vida selvagem incrustado no espaço urbano do qual se aproxima e se distingue, roçando-o e limitando-o” (Bravo 2011: 226), confinando os animais em celas para serem assistidos pela população das cidades. Portanto, além de representarem um símbolo do poder dos humanos, os zoológicos tinham o objetivo de servir como entretenimento para aqueles que foram responsáveis pelo enclausuramento dos animais não humanos em jaulas, privando-os de tudo que lhes é natural e instintivo.

TRÊS FACES DA DOMINAÇÃO HUMANA EM *O SOFÁ ESTAMPADO* (1980)

Para compor a análise deste estudo foram selecionadas as personagens Dalva, Dona Popô e Vó. A primeira personagem da obra a ser apresentada ao leitor é a Dona-da-casa, a única humana da história. Ela é muito zelosa com sua casa, especialmente com seu sofá, que é o centro de sua sala. Ela acredita que tudo deve estar em harmonia com a casa, por isso ela adquiriu uma gata angorá, a Dalva:

Há muitos anos que a Dona-da-casa tinha resolvido que o bicho que combinava mais com a sala era gato. Só que não podia ser qualquer um, tinha que ser angorá. (...) Quando uma gata morria, ela comprava outra (e sempre a mais bonita que tinha); tratava elas feito gente, mimava até não poder mais, ensinava boas maneiras, mostrava como é que a cauda tinha que ficar, ensinava a ler e escrever, dava pra gata cada livro bom mesmo. (Bojunga 2015: 22)

Percebe-se a objetificação do gato, que é comprado e trocado para servir como decoração da sala, já que a busca da Dona-da-casa era sempre pela gata mais bonita que havia na loja. Nesse excerto, é notória a relação de dominação do humano para com o animal e, sobretudo, a inesgotável busca dos humanos por seus próprios interesses.

Além disso, a passagem “tratava elas feito gente”, retirada do trecho acima, é muito interessante, pois acaba sendo paradoxal. Como é possível tratar a gata como gente, se foi escolhida e comprada com o objetivo de trazer harmonia para a casa, feito um vaso artesanal? Como se pode perceber, os ensinamentos da dona giravam em torno da tentativa de domesticar o animal de modo a transformá-lo em algo totalmente sem defeitos e belo, para estar de acordo com o que a Dona-da-casa idealizou em seus caprichos humanos.

O resultado desse tratamento é verificado nas atitudes e no caráter da gata Dalva. Ela não apresenta nenhum instinto animal típico dos felinos, sendo condicionada a ficar o dia inteiro na frente da televisão a fim de conseguir o prêmio “Telespectadora mais assídua” pela segunda vez consecutiva. Por mais que a Dona-da-casa tenha educado a gata para gostar de livros, ela acabou tendo fascínio pela televisão. No entanto, a Dona-da-casa não parece se importar com este fato. Na realidade, ela parece celebrar tal hábito, como observado em: “Ela [Dalva] estava no colo da Dona-da-casa, e volta e meia a Dona-da-casa ajeitava a medalha que ela tinha no pescoço e levantava ela bem pro alto pra ficar mais fácil de bater foto” (Bojunga 2015: 109). Novamente, Dalva está na posição de bicho de estimação, que deve estar completamente alinhado e perfeito, já que é alvo de admiração.

A dominação do animal humano em relação ao animal não humano é demonstrada de outra forma ao se pensar na personagem Dona Popô. Ao longo da obra, é revelado que a poderosa dona da agência de publicidade, que é responsável por deixar Vítor famoso ao torná-lo ator de diversas propagandas televisivas, possui um passado melancólico. A personagem, quando mais jovem, era conhecida como “Pôzinha”, decide conhecer o local encontrado por sua mãe, Dona Zuleica, para servir de moradia quando casasse. Porém, Pôzinha erra o caminho e entra em uma área de caça, como demonstra o trecho a seguir: “Errou o caminho, acabou entrando em área de caçada, justo quando andavam pegando bicho pra levar pra América do Sul. Pegaram girafa, pegaram elefante, pegaram avestruz, pegaram a Pôzinha também. Meteram ela no porão de um navio e ela foi parar no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro” (Bojunga 2015: 133).

A personagem foi capturada de seu *habitat* natural e enjaulada para servir de entretenimento para humanos no Brasil. No início, percebe-se uma atitude passiva de Pôzinha em relação à triste situação em que ela se encontrava, como evidenciado na sequência dos acontecimentos: “A Pôzinha estranhou a vida no Zôo; não gostou da comida. Mas depois acostumou com o capim” (Bojunga 2015: 133).

Essa simples citação tem um grande peso quando levada para reflexão. A personagem foi roubada de sua casa pelo simples fato de ser um animal. Percebe-se a

despreocupação das pessoas que cometeram esse crime ao reunir todos os animais no porão de um navio para serem encaminhados para outro continente, com condições climáticas e ambientais totalmente diferentes às quais estavam naturalmente acostumados. Além disso, faz-se importante refletir que quando saem da escuridão do navio, essas girafas, hipopótamos e elefantes são obrigados a ficar atrás de grades, nutrindo-se de alimentos nada parecidos com os que consumiam em seu habitat natural. O modo como os animais são tratados mostra que a preocupação dos humanos é somente a econômica, prevalecendo os interesses nos lucros obtidos por meio da subjugação desses seres.

Talvez por ser ingênua ou pelo fato de não conhecer a maldade dos humanos, Pôzinha se conforma à vida de prisioneira, acreditando que esse deveria ser o seu destino. Ocasionalmente, ela escutava histórias de outros animais que conseguiram escapar do zoológico, fazendo seu desejo de liberdade florescer, como observado em: “a Pôzinha só tinha vontade de fazer que nem o tal urso e o tal pavão. Mas depois vinha o sol de novo, ela esquecia o assunto e continuava a viver feito antes” (Bojunga 2015: 136). Porém, conforme visto no excerto anterior, sua vontade era como uma flor noturna, que se fechava assim que a manhã dava seus indícios.

A condição de aprisionada da personagem começa a ser transformada com a chegada de um outro hipopótamo em sua jaula. Ipo era um hipopótamo muito rico e poderoso que foi ao zoológico pagar pela liberdade do irmão de um conhecido. Essa personagem difere de Pôzinha pois ele tem a total consciência que o lugar de animal não é no zoológico, como observado no diálogo entre as duas personagens:

- São uns idiotas! pensam que porque a gente é hipopótamo tem que viver no Zôo.
— E não tem não?
— Claro que não! Eu só vim aqui soltar o irmão de um elefante que trabalha numa das minhas empresas.
(...)
— Quer dizer que a gente não precisa ficar aqui?
— E só pagar pra sair.
Ela baixou a voz:
— Falaram que só fugindo... (Bojunga 2015: 138-139)

Pôzinha possuía uma posição passiva em relação à condição de exploração que vivenciava, tanto que ela pensava que o zoológico era o local onde deveria estar. Isso ilustra sua conformação sobre estar na posição de Outro em relação ao poder hegemônico do Eu humano, que marginaliza os seres considerados inferiores, como debatido por Peter Singer com o conceito de “especismo”.

Ipo mostra para Pôzinha que o dinheiro era capaz de fazer com que ela fosse livre, e assim a liberta. O fato mostra que na sociedade capitalista atual, somente quem tem poder aquisitivo é capaz de superar essa exploração imposta pelos “mais fortes”. Esse tipo de poder, o do dinheiro, é traiçoeiro. Pois ele dá a falsa impressão de

que os que estão minorizados têm o mesmo poder dos que estão no topo da hierarquia social. Porém, não é o que acontece.

Nota-se que aqueles que conseguem superar sua condição de explorados, ainda submetidos aos efeitos do capitalismo, estão fadados a viver uma vida na qual devem constantemente provar aos outros que têm poder, uma vez que continuam sendo desvalorizados por conta de suas condições socioeconômicas. Além disso, é comum que essas pessoas que estão na parte mais baixa da estrutura capitalista reproduzam a exploração a qual um dia foram submetidos, pois tais marcas estão cristalizadas em suas formas de viver e se relacionar.

A perpetuação da condição de exploração transformada no desejo de imitar o dominador fica evidente no futuro de Pôzinha, que muda seu nome para Dona Popô. Após sair do zoológico, consegue emprego em empresas de Ipo e tem uma carreira muito promissora, tornando-se cada vez mais abastada economicamente. Porém, sua busca por dinheiro é interminável e, nesse processo, acaba submetendo outros seres considerados inferiores a um aproveitamento abusivo, como pode ser notado em: “sentiu que ia poder usar o Vítor pra poder faturar um dinheiro alto, e aí a orelha direita deu uma tremidinha: quando a Dona Popô ficava contente a orelha dela tremia assim” (Bojunga 2015: 130).

Esse excerto é retirado da passagem em que Vítor se encontra com Dona Popô para sugerir uma propaganda de televisão em que ele pede Dalva em namoro, mas como acontecia desde pequeno, por causa de sua timidez, ele acabou tendo um acesso de tosse. Dona Popô viu naquela peculiaridade de Vítor uma oportunidade de usá-lo para diversos comerciais, como xarope para tosse, bebidas alcoólicas, cigarro, entre outros. Dona Popô, então, representa a ideia daquele animal que um dia foi explorado, mas que quando supera essa condição por meio do poder aquisitivo, acaba se igualando ao dominador de outrora. Ou seja, ela reproduz a dominação que um dia foi imposta a ela, esgotando e se beneficiando de um ser considerado inferior para enriquecer e, conseqüentemente, conquistar mais poder.

A terceira personagem que pode ser pensada a partir de uma reflexão acerca da dominação de animais humanos e não humanos é a Vó. Não é apresentado para o leitor o seu nome, mas ela é introduzida como uma tatu que “queria por força conhecer o mundo” (Bojunga 2015: 64). Ela estudou arqueologia, foi casada, mas o marido acabou falecendo, deixando-a com cinco filhotes. Após todos se formarem, ela decidiu retomar suas viagens, ficando longe de sua família por muitos anos. Quando Vítor finalmente a conheceu, ele quis saber tudo sobre suas viagens, o que encontrava no caminho e suas histórias emocionantes. É neste momento que começa aparecer na obra a temática das questões socioambientais e animais, introduzidas pela personagem Vó: “— Vó, quando você faz essas viagens compridas, o que que você vê mais: floresta ou mar? (...) — O que eu vejo mais é gente pobre e bicho perseguido, é isso que eu vejo mais” (Bojunga 2015: 70-71).

Sempre que a personagem pensa em questões ecológicas críticas como a citada no trecho anterior, há uma mudança de estado em seu humor, uma súbita

preocupação aparente. Ela é a única personagem na obra que demonstra um interesse pelo sofrimento dos mais pobres, dos animais e da natureza, tornando-se, assim, a personagem de maior destaque e, talvez, a mais complexa da obra. Diferentemente das outras personagens aqui analisadas, não há indícios de que a Vó foi submetida a qualquer tipo de dominação por parte de humanos. Na verdade, percebe-se nela um movimento de resistência e luta contra o abuso de poder humano sobre os animais.

A personagem é um animal, assim como os outros presentes na obra, mas somente ela parece estar ciente de sua condição de animal minorizado e explorado pelo ser humano e, com isso, busca tentar ajudar aqueles que estão em situação de risco e/ou violência causada pelos seres humanos. Vó também é a única personagem que faz referência aos humanos, mencionando-os de duas maneiras. A primeira pode ser observada no trecho anterior, o qual traz a figura de um humano pobre e a utilização dos termos “gente” e “bicho”, estabelecendo uma relação de diferença entre eles. Porém, essa diferenciação pode ser considerada como pertencente ao mesmo nível, já que “gente pobre” e “bicho perseguido” são elementos que representam seres marginalizados na visão da personagem.

A segunda referência aos humanos pode ser observada na seguinte fala da Vó: “Tô indo pra Amazônia, estão perseguindo muito bicho por lá. Recebi notícia segura que anda uma destruição horrível na mata, diz que matam bicho e árvore aos milhares, falaram que até índio eles estão querendo matar, eu tenho que ir lá ajudar” (Bojunga 2015: 75). Nota-se que os animais humanos não são sequer nomeados como humanos, ou como gente, isto é, a personagem faz uso da terceira pessoa do plural para se referir a eles. Ao que parece, Vó faz uma diferenciação entre a “gente pobre” e esses humanos que não são nem mesmo identificados.

Esses dois trechos ilustram a posição da personagem frente às atrocidades que ocorrem no mundo, causadas por seres humanos no poder. O mesmo humano que destrói a mata e assassina animais destrói a mata e assassina animais não é o mesmo ser humano que passa fome por ser pobre ou por ser índio. O ser humano que detém o poder e o utiliza para atender seus interesses, seja desmatando para obter lucros com a terra ou com a venda de madeira, seja capturando animais para tráfico ilegal ou venda para zoológicos, seja roubando as terras pertencentes aos indígenas, também mantém de alguma forma uma relação de dominação sobre o indivíduo pobre.

A luta pelos direitos dos animais e pela proteção da natureza é o que causa a morte de Vó. A viagem para o Amazonas, apontada na citação anterior, era muito perigosa e ela acabou não sobrevivendo. Ao perceber a situação crítica, ela escreve um bilhete para sua família, informando sobre o que estava acontecendo na floresta:

Não param de destruir a floresta; estão tocando fogo por todo lado. Dizem que é mais rápido. Pra ter logo o terreno livre e botar coisa que dá dinheiro depressa. Alguns bichos que voam e que pulam de galho têm conseguido fugir. O resto morre queimado. Feito árvore, feito planta. Estão matando tanta vida que isto acaba virando um deserto. Quero fazer um pedido: contem o que está

acontecendo por aqui pra todo mundo que está a fim de ouvir, e pra quem não está a fim, paciência: contem também. (Bojunga 2015: 92-93)

O trecho ilustra o momento mais triste da obra, pois há uma descrição visual e detalhada da violência que esses humanos, novamente tratados com o uso da terceira pessoa do plural, estão causando. Mais uma vez, observa-se a preocupação com dinheiro por parte dos humanos, que gera um ciclo interminável: eles usam o poder que têm para destruir árvores e matar animais, com isso, conseguem mais dinheiro e, conseqüentemente, aumentam o poder que têm. Progressivamente, isso vai se repetindo, tomando proporções cada vez maiores.

É muito bonito o fato de a Vó não perder as esperanças nem no último momento. Ela realmente acredita que com a ajuda e a conscientização de todos, a exploração animal e da natureza pode ser diminuída. No trecho citado acima, ela faz um apelo aos familiares para que aquilo não fosse esquecido, para que mais pessoas ficassem sabendo da terrível realidade que os animais e a natureza estão enfrentando. Nota-se até mesmo um orgulho de sua parte, de saber que está fazendo o certo e que está ajudando outros seres, como se pode perceber no trecho seguinte. A Vó escreve uma carta e a guarda em sua mala dizendo: “PARA QUEM ENCONTRAR ESTA MALA - A dona desta mala morreu aqui defendendo terra que era de índio, terra que era de bicho, terra que era de planta. Ela pediu para entregar a mala para o neto dela: o Vítor” (Bojunga 2015: 199).

Porém, conforme dito, Vó é a única personagem da obra que possui consciência acerca dos problemas socioambientais e acerca do sofrimento enfrentado pelos animais. O assunto acaba sendo tratado até mesmo de maneira insensível e pejorativa por outras personagens da obra, como é o caso da vizinha Dona Rosa. Essa personagem é quem dá a notícia para Vítor que sua avó havia falecido. Eles se encontram e Dona Rosa lamenta o que aconteceu chamando Vítor de coitado; mas Vítor não consegue compreender o que se passou, então Dona Rosa explica a ele:

- É que a sua Vó morreu. (...)
- A Vó morreu?
- Morreu sim, filhinho.
- Morreu de quê?
- Bom, ela estava lá na Amazônia, você sabe, não é, e acontece que ela, bom, você sabe como sua Vó era, não é, sempre lutando por umas coisas meio esquisitas, e então ela entrou lá num movimento pra juntar índio e bicho e árvore, pra todo mundo lutar junto e defender a floresta. (...)
- E daí?
- Mataram ela, ué. Ela e todo mundo que não estava querendo deixar o progresso chegar na Amazônia. (Bojunga 2015: 81-82)

A insensibilidade da personagem é marcante, sobretudo com o assunto a respeito da morte dos animais e da destruição da floresta. Dona Rosa caracteriza a resistência da Vó como “coisas meio esquisitas”. Mais precisamente, Dona Rosa parece não

compreender o porquê de alguém entrar em movimentos de proteção da natureza, pois, para ela, isso não é essencial, é uma causa “esquisita”.

O excerto em destaque mostra, mais uma vez, a ganância pelo dinheiro. O motivo de tanta violência se deu porque os humanos estavam em busca de novos meios de explorar terras para obter dinheiro, seja construindo fábricas, comércio ou moradia para o crescimento das cidades. Essa ideia de exploração e destruição é vendida disfarçada de outro nome, é vendida como progresso. Mas para quem é o progresso? Desde quando o progresso significa destruição e assassinato? A ideia de progresso é egoísta e exclusiva para os humanos que detêm poder e que hipocritamente se valem da justificativa de que a mudança será benéfica a todos. Porém, na realidade, os sujeitos que adentram os ecossistemas, com sua fauna e flora, e, por escolha, utilizam-se de seu poder de ser humano dominador para aniquilar tudo em sua volta, são quem lucram mais, sempre assegurando cada vez mais poder econômico para si próprios.

No entanto, sempre há esperança, desde que haja pessoas dispostas a colaborar com a preservação da natureza e dos animais. Ao final, Vítor encontra a mala de sua avó, contendo todas as cartas, fotos e ideias provindas de todas suas andanças e, ao ler tudo atentamente, começa a desenvolver uma vontade de seguir os passos dela. Até que, enfim, pega a antiga mala da Vó e parte para a Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram utilizadas as ideias dos Estudos Críticos Animais, que buscam investigar a relação entre animais e humanos. Aqui, focou-se na relação de poder por parte dos humanos sobre os animais, que gerou uma discussão acerca de como as personagens animais da obra *O sofá estampado* (1980) estão sendo representadas no âmbito da lida com a dominação humana que as violenta.

Pôde-se perceber três tipos de representação dos animais em relação ao poder dominante dos seres humanos. O primeiro tipo concerne ao animal dominado pelo humano, retratado na personagem Dalva. Esse tipo de dominação implica a alienação da personagem, cuja vida é resumida a hábitos humanos, perdendo totalmente os seus instintos animais, por ser tratada como um objeto.

No segundo tipo de representação, viu-se a presença do zoológico, lugares que são prisões de animais e símbolos do poder dos humanos sobre todas as espécies. Assim, essa representação na obra é do animal que um dia foi dominado pelo ser humano, mas consegue superar essa condição, como é o caso da Dona Popô. No entanto, esse processo implica um esforço constante por parte da personagem de assegurar o seu poder, o que culmina no movimento de cópia de seu dominador. Quando a personagem reproduz o mesmo comportamento desempenhado pelo ser humano, considerando os outros animais como inferiores, ela também objetiva obter mais poder e dinheiro à custa da exploração de seres não humanos.

A última forma de representação de animais da obra é a observada na personagem Vó. Além do enfoque nas questões animais, a investigação da personagem Vó dialoga com os estudos que se ocupam de pensar a dominação do homem sobre a natureza. Essa personagem luta contra a dominação por estar ciente de sua condição e de seus direitos como animal não humano. As implicações relativas ao fato de que Vó é a única personagem consciente das questões ambientais e animais são duplas. De um lado, há a violência, pois sua morte é causada por conta dessa busca pela proteção da natureza e dos animais. Por outro lado, há a mudança, a possibilidade de sua voz ser ouvida pelos demais e os inspirar a seguir o mesmo caminho em direção à mudança.

OBRAS CITADAS

- AGAMBEN, Giorgio. *The open: man and animal*. California: Stanford U P, 2004.
- BERGER, John. Por que olhar os animais? John Berger. *Sobre o olhar*. Trad. Lya Luft. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. p. 11-32.
- BOJUNGA, Lygia. *O sofá estampado*. 32. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2015.
- BRAVO, Álvaro Fernández. Desenjaular o animal humano. Maria Esther Maciel, org. *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 221-243.
- CULLER, Jonathan. Teoria Literária hoje. André Cechnel, org. *O lugar da teoria literária*. Florianópolis: EDUFSC; Criciúma: Ediunesc, 2016. p. 83-99.
- KERRIDGE, Richard, Neil Sammells, orgs. *Writing the environment: ecocriticism and literature*. London: Zed Books, 1998.
- MACIEL, Maria Esther. Zoopoéticas contemporâneas. *Remate de males*, Campinas, v. 27 n. 2, p. 197-206, 2007. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v27i2.8636004>.
- SINGER, Peter. *Libertação animal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.